

Apresentação

Instituições e acervos: Experiências no estado de São Paulo no campo da saúde

Maria Amélia M. Dantes¹

É muito bem vinda esta publicação do *Caderno de História da Ciência*, editado pelo Laboratório Especial de História da Ciência do Instituto Butantan, tratando de debates e iniciativas relativas à documentação científica e aos acervos institucionais em São Paulo.

São temas muito presentes para o historiador da ciência que se mantem em constante sobressalto com a possibilidade iminente da perda de acervos institucionais. O recente incêndio no Hospital do Juqueri, que destruiu grande parte da documentação desta instituição pioneira, está aí para nos alertar sobre a atualidade do tema.

Como historiadora da ciência, especialmente da ciência brasileira, é a partir da pesquisa que quero levantar alguns pontos sobre a importância da preservação de documentos e acervos.

Inicialmente quero enfatizar que, nas últimas décadas, ampliou-se de forma significativa o corpo documental utilizado pela História da Ciência. Podemos dizer que, até meados do século XX, o historiador da ciência trabalhava essencialmente com os textos científicos publicados. Recentemente, os estudos sobre as ciências têm se voltado para o processo de produção e estabelecimento de conhecimentos, visto como resultante de

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em História Social- Departamento de História- FFLCH- USP. mamdantes@usp.br

uma variada gama de variáveis, não apenas internas a esta prática. Características da organização do trabalho científico, relações entre pares e outros interlocutores, passaram a ser temas a serem elucidados. E documentos até então não valorizados ganharam destaque: anotações de laboratório e outras formas de registro; rascunhos; coleções científicas; correspondências; instrumentos; documentos administrativos, entre outros.

Para a História das Ciências no Brasil, outras questões precisam ser consideradas. Esta é uma área nova da pesquisa histórica acadêmica e levantar documentação de instituições científicas brasileiras, levou o historiador a se deparar, muitas vezes, com acervos não organizados ou, até mesmo, em precárias condições.

Estudo recente realizado pela arquivista Maria Celina Soares de Mello e Silva² vem de encontro a esta questão e traz observações mais precisas sobre a avaliação que, hoje, o cientista brasileiro faz da documentação intermediária que produz em seu laboratório. Apesar de tratar de acervos que estão sendo constituídos na atualidade, as conclusões desta pesquisa contribuem para esta reflexão, pois, as instituições científicas são guardiãs de seus acervos históricos.

A partir da análise de questionários, a pesquisadora observou que, além de terem uma idéia restrita da preservação documental, identificada usualmente como guarda de documentos, os cientistas valorizam documentos produzidos por suas práticas, sobretudo, pelo seu valor científico, e não pelo seu valor histórico. Quanto às instituições, observou uma falta generalizada de diretrizes para a questão da documentação. Como arquivista concluiu seu trabalho enfatizando a importância de uma sensibilização dos cientistas para a questão da documentação produzida em seus laboratórios, e da necessária integração de arquivistas, historiadores e cientistas para a elaboração de programas de preservação de arquivos de ciência e tecnologia.

² Maria Celina Soares de Mello e Silva. *Visitando laboratórios: o cientista e a preservação de documentos*. São Paulo, Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 2007. Em sua pesquisa, a arquivista enviou questionários a cientistas de instituições sediadas no Rio de Janeiro e vinculadas ao Ministério de Ciência e Tecnologia.

No entanto, apesar da apresentação deste quadro de carências, considero que a própria tese de Maria Celina evidencia uma mudança nas atividades relacionadas à preservação de arquivos científicos brasileiros.

Esta tese é um dos primeiros estudos sobre este tema, o que mostra que estão se formando, no país, especialistas em documentação científica³.

Também, nos últimos anos, vêm se multiplicando iniciativas relacionadas à preservação de documentação e à questão da memória científica e tecnológica. A nível nacional, em 2003, o CNPq criou uma comissão para elaborar o projeto de uma política nacional para a preservação da memória de ciência e tecnologia que, em seu relatório, chamou a atenção para a necessidade de implementação das seguintes atividades: identificação de acervos públicos e privados de interesse; financiamento de atividades de preservação e restauro de acervos; políticas de formação de especialistas em arquivos científicos; criação de redes de informação; entre outras. Em 2004, o CNPq também lançou um primeiro edital para seleção de projetos de preservação e pesquisa de memória científica e tecnológica, que selecionou e deu financiamento a cerca de trinta projetos de vários estados brasileiros.

Em São Paulo, também observamos várias iniciativas voltadas para as questões da preservação documental e a memória científica. Os textos publicados neste volume evidenciam este movimento. Em sua maioria são textos escritos por historiadores e museólogos que atuam em espaços dedicados à pesquisa histórica e à preservação documental. Alguns destes espaços estão sediados em instituições com longa tradição científica, como o Instituto Butantan, a Faculdade de Medicina da USP e a Unifesp. Também está representado o Centro de Memória da Saúde da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo.

³ Esta tese foi defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social, Departamento de História - FFLCH da USP, onde atuam as especialistas em Arquivística: Ana Maria de Almeida Camargo e Heloisa Liberalli Bellotto.

Como entender este movimento recente de valorização da memória científica e tecnológica brasileira?

Considero que o desenvolvimento da História das Ciências no Brasil como área de pesquisa acadêmica, hoje reconhecida internacionalmente, contribuiu para esta valorização. Afinal, nós historiadores temos marcado presença nos arquivos de instituições científicas das mais variadas localidades do território nacional. Também, hoje as práticas científicas são reconhecidas como um dos objetos da produção historiográfica brasileira.

De outro lado, vejo atualmente os cientistas brasileiros valorizando de forma mais ampla a sua atividade, em um país periférico que tem se destacado internacionalmente, ocupando uma posição importante no ranking dos países com maior produção científica. Talvez este auto-reconhecimento explique uma certa sensibilidade, que observamos hoje, pela memória científica nacional.

No entanto, trata-se de um processo ainda incipiente e fazem-se necessários debates como os apresentados neste volume da revista *Caderno de História da Ciência*, que podem estimular iniciativas de instituições científicas no sentido da preservação de seu patrimônio histórico.

Variados temas são tratados no conjunto de artigos aqui publicados.

De um lado, textos que tratam da importância de acervos e de diferentes tipos de documentos para a História da Ciência e para a memória científica.

Neste sub-conjunto coloco inicialmente o artigo *O filme na temática científica: possibilidades de uma documentação histórica*, escrito por Márcia Regina Barros da Silva. Neste texto a autora analisa o filme científico, documento ainda pouco explorado pelos historiadores, apesar da sua presença crescente nas práticas científicas contemporâneas. Além de analisar como o filme veicula representações destas práticas, o texto focaliza duas produções do cineasta B.J.Duarte que, nos anos 1960, foi responsável pelo registro visual de cirurgias cardíacas realizadas em hospitais paulistas e que tiveram projeção internacional.

Também tratando de acervos, está o artigo *Montando um quebra-cabeça; a coleção “Universidade de São Paulo” do Arquivo do Estado de São Paulo*, escrito por Maria Lúcia Mott, Ivomar Gomes Duarte e Marcela Trigueiro Gomes. Neste texto, os autores chamam a atenção para a importância desta coleção para a história da saúde e para a história paulista em geral. A partir dos documentos, acompanham a trajetória desta primeira universidade instalada em São Paulo, mostrando seu dinamismo, de 1911 a 1918, período de sua existência. No entanto, como observam, trata-se de instituição praticamente esquecida pela bibliografia sobre a saúde e a educação paulistas.

Por fim, tratando de um outro tipo de acervo, também ainda pouco trabalhado pelos historiadores, as coleções científicas, o artigo *A origem e a constituição dos acervos ofiológicos do Instituto Butantan*, escrito por Myriam Elizabeth Velloso Calleffo e Cibele Cintia Barbarini. Neste texto as autoras acompanham como, desde os primeiros anos, o Instituto Butantan formou valiosas coleções de serpentes, a partir da permuta de animais por soro antiofídico. O texto esclarece como, nos diversos períodos da trajetória institucional, estes acervos biológicos foram armazenados, conservados e catalogados, constituindo dois tipos de acervos: coleções para pesquisa em Ofiologia e coleções para exposições públicas.

Um segundo sub-grupo é constituído por textos que apresentam iniciativas ligadas à prática histórica e à preservação documental, atualmente implementadas em renomadas instituições paulistas da área da saúde. Como o artigo *A identidade histórica em um museu de história da ciência*, de Suzana Cesar Gouveia Fernandes. Neste texto a autora faz um balanço de como, a partir da implantação de um plano museológico no Instituto Butantan, em 2004, o Museu Histórico ampliou suas atribuições, passando a atuar como espaço de pesquisa e formação de monitores. Esclarece que, nestes anos, além de uma reavaliação das exposições, o museu atuou em atividades de organização, preservação e disponibilização do arquivo histórico institucional. O texto reflete, ainda, sobre as múltiplas possibilidades de atuação que atualmente se abrem para o museu.

E o artigo *Concepções de História e trajetórias institucionais. Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: análise e crítica de uma experiência (1977-2008)*, de autoria de André Mota e Maria Gabriela S.M.C.Marinho. Neste texto os autores analisam a constituição deste Museu Histórico em 1977, e apresentam o projeto atualmente proposto, que segue um novo modelo museológico, com ênfase para sua atuação como centro de documentação e pesquisa em história da medicina e da saúde.

Além dos artigos, na seção Documentos e Fontes é apresentado o texto de Ana Maria da Cunha: “A Saúde na Coleção de Leis e Decretos do Estado de São Paulo (1889-1910)”, resultado de pesquisa exaustiva e que se constitui em importante instrumento para a pesquisa histórica da saúde em São Paulo.

Por fim, na seção Resenha e Revisão Bibliográfica, Priscila de Almeida Xavier apresenta o livro de Ray Edmondson, *Filosofia e princípios dos arquivos audiovisuais*. Paris, UNESCO, 2004, e sua análise dos *princípios* que regem a atuação do arquivista audiovisual, responsável pela guarda, conservação e organização de um tipo de documento cada dia mais presente, também, nas práticas científicas.